

**ESPECIAL: DIA INTERNACIONAL DA MULHER**

# Mulheres valentes: histórias de muita luta e inspiração

Todos sabem que o poder de uma mulher não está no seu físico, na sua beleza ou encanto feminino. Está no caráter, na alma e no coração de guerreira, o que a faz com que possa ser tudo aquilo que ela quiser, basta que lute por isso.

São muitos os exemplos de mulheres que tiveram dificuldades, principalmente para buscar a independência em uma época em que a sociedade julgava as que tinham iniciativa, bem como aquelas que hoje levantam bandeiras em defesa dos direitos femininos e igualdade de gênero.

Neste mês, em 8 de março, é comemorado o **Dia Internacional da Mulher**. Como forma de homenagear e reconhecer as conquistas de muitas delas, esta edição do *Informativo* da Apusm conta histórias de algumas mulheres batalhadoras, que venceram e que têm orgulho da sua trajetória.

## PELA IGUALDADE

Há muito tempo mulheres lutam pela igualdade, pelos direitos e, principalmente, pelo fim da violência de gênero. São muitas as ações e bandeiras levantadas pelo reconhecimento e valorização da mulher. Em Santa Maria, um dos nomes que atua em diferentes frentes é da professora aposentada do curso de Enfermagem da UFSM, Maria Celeste Landerdahl, que coordena a campanha Santa Maria 50 - 50 e integra o Fórum de Enfrentamento à Violência contra Mulheres de Santa Maria.

Seu interesse pelo assunto vem desde muito jovem, quando percebeu que as situações de injustiças em geral a sensibilizavam muito, em especial, a situação de inferioridade e de submissão na qual as mulheres viviam, e continuam vivendo, a despeito de alguns avanços. O cenário injusto despertou sentimentos de indignação e até revolta, e uma vontade enorme de contribuir para mudanças desta realidade.

– Creio ter encontrado, no exercício da enfermagem, como docente do Curso de Enfermagem da UFSM, conhecimentos e oportunidade que me levaram a abordar as mulheres para além do aspecto técnico e biológico que normalmente orienta nosso trabalho na área da saúde. À medida que as mudanças no modelo de saúde no Brasil avançavam com a inauguração do SUS, as ações de ensino, pesquisa e extensão com foco na promoção da saúde com mulheres eram intensificadas em uma unidade básica de saúde na zona norte do município. Essas ações fortaleceram a crença de que os problemas das mulheres, embora vivenciados na dimensão corporal, têm, em sua origem, determinantes sociais e culturais que precisam ser olhados com mais atenção – considera Maria Celeste.

Segundo ela, a partir desta compreensão, muitos temas como cidadania, direitos das mulheres, gênero, violência de gênero, feminismo, políticas públicas para mulheres, dentre outros, começaram a fazer parte de



DIOGO BRONDANI

Maria Celeste coordena Campanha Santa Maria 50 - 50 e apoia ações pelos direitos femininos

discussões em inúmeras ações direcionadas às mulheres como elementos facilitadores do seu processo de empoderamento.

– A criação do Núcleo de Estudos Mulheres, Gênero e Políticas Públicas (NEMGeP) da UFSM, em 2007, facilitou a obtenção de recursos em resposta a editais externos, possibilitando a execução de projetos de extensão de maior impacto. Um desses foi o

PROEXT – Mulheres Conquistando Cidadania, que formou 39 mulheres de baixa renda para o trabalho na construção civil como instrumento para o alcance da autonomia econômica das cursistas – lembra ela.

Além deste, outro projeto relevante foi um curso de Gestão em Políticas Públicas em Gênero e Raça, oferecido na modalidade EAD para seis municípios que abrigam polos EAD da UFSM. Nele foram formados mais de 300 cursistas entre gestores, ativistas sociais, professoras, pessoal da segurança pública.

– Em ambos os cursos houve a oportunidade de abordar as desigualdades de gênero como categoria a ser enfrentada e superada – revela a coordenadora.

## SANTA MARIA 50 - 50

Atualmente, Maria Celeste coordena a frente 'Vidas de Mulheres Importam - Santa Maria 50 - 50: uma campanha por igualdade'. Essa iniciativa foi pensada a partir da sua participação, quando já aposentada, em 2019, como voluntária no Juizado de Violência Doméstica de Santa Maria. A campanha é realizada pelas instituições e serviços que compõem o Fórum de Enfrentamento

à Violência contra Mulheres de Santa Maria, coordenado pela colega enfermeira e docente da UFSM Laura Ferreira Cortez.

– Esse espaço congrega vários serviços que atendem mulheres em situação de violência. A campanha alinha-se a mobilizações mundiais, muitas delas lideradas pela Organização das Nações Unidas (ONU) desde 1975, em defesa da igualdade de gênero e do fim da violência contra as mulheres. Dentre essas, destaca-se a Agenda 2030, que tem como objetivo número 5, com desdobramentos em outros objetivos, o alcance da igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres e meninas – explica ela.

Conforme a professora aposentada, a campanha Santa Maria 50 - 50 inspira-se, ainda, no Planeta 50 - 50, lançado pela ONU Mulher como forma de acelerar o processo de mudança cultural até 2030.

– Dentre os objetivos da campanha, pretende-se sensibilizar a população em geral e o poder público para a necessidade de olhar as desigualdades de gênero como um elemento a ser superado para o alcance do desenvolvimento e da paz no mundo. Em especial a campanha se movimenta na busca por transformação de cultura e de estruturas que discriminam e submetem as mulheres a lugares e destinos socialmente determinados – revela Maria, destacando que a ideia inicial era lançar a campanha em março de 2020, porém, devido à pandemia, foi suspensa e deverá ser retomada de forma online neste ano.

## A DISPARIDADE

A desigualdade de gênero tem como grande suporte a sociedade patriarcal. Esse

tipo de organização social valoriza a concentração masculina de poder público e econômico, desvalorizando, em contrapartida, tudo que se expressa como feminino, colocando as mulheres em desvantagem na política, a econômica, a social, a laboral, a doméstica.

– Nesse cenário socialmente naturalizado de disparidade, as mulheres, embora com maior nível de escolaridade, ainda ocupam patamares inferiores na hierarquia salarial, tendo, na maioria das vezes pouca possibilidade de acesso a cargos administrativos. Além disso, vivenciam práticas de seleção e demissão que discriminam as casadas. As desigualdades também se dão na injusta divisão sexual do trabalho, persistindo o maior volume de trabalho às mulheres que, ironicamente, cuidam da manutenção da vida, as mulheres levam o mundo na barriga e são, por vezes, castigadas por isso – esclarece a coordenadora da ação.

Além disso, segundo ela, as disparidades ocorrem também na ínfima representação política e na participação nos espaços de poder, tanto do setor público quanto do privado. No campo dos direitos sexuais e direitos reprodutivos, as mulheres continuam com a tarefa histórica de regular a fecundidade, mas sem o devido acesso aos meios para exercitar a autodeterminação reprodutiva e possibilitar uma vida sexual livre, prazerosa e sem doenças sexualmente transmissíveis.

– Essas e outras tantas disparidades nos situam como seres inferiores, de segunda categoria e, como tal, passíveis de sofrermos violências das mais diversas formas. Nossa luta, a das feministas, é contra todo esse sistema injusto. Por isso precisamos do Dia Internacional da Mulher, não como um segundo dia dos namorados, mas como um dia de luta! – reforça Maria Celeste.

## UNIÃO DE TODOS

A luta pela igualdade e valorização é de todos. Qualquer pessoa pode se integrar em movimentos sociais em todo o país como instrumentos coletivos em defesa de direitos e oportunidades entre homens e mulheres.

– Da mesma forma, pequenas mudanças podem começar em casa, na divisão equânime de tarefas entre todos os membros da família; na criação de meninos e meninas reflexivos e respeitosos com as diferenças; com a mudança em normas de comportamento e de vestuário; nos padrões de sentimentos e suas expressões, bem como na elaboração de projetos de vida que possibilite a ambos exercitarem suas potencialidades sem amarras ou preconceitos – sugere a professora Maria Celeste.

# A sofrida independência e criação dos filhos

DIOGO BRONDANI

Quem conhece a aposentada Cleci Cabeza Barbosa Fontoura, 85 anos, sorridente, divertida e boa de papo não faz ideia de quanta dificuldade e sofrimento ela passou até conquistar sua independência. Moradora do bairro Uglione, em Santa Maria, ela foi uma das primeiras servidoras da UFSM, iniciando suas atividades no pós-obra da construção do prédio conhecido hoje por antiga reitoria, localizado na Rua Floriano Peixoto. Nos anos 70, com filhos pequenos para criar, ela fazia alguns trabalhos como bordados para complementar a renda, já que o marido não concordava que tivesse uma atividade profissional fora de casa. No entanto, ela foi além.

Fez concurso para atendente do hospital universitário e foi aprovada.

– Passei no concurso, mas, quando fiquei sabendo que já estavam chamando, perdi o tempo da minha vaga, então só tinha para o cargo de servente. E eu aceitei. Eu era magrinha, gostava de me arrumar, andava bem enfeitada, e por isso, pensaram que eu não teria pique para encara o serviço pesado. Aí que se enganaram. Trabalhei pesado na limpeza do hospital. A gente tirava o cimento do piso com uma faquinha – lembra a aposentada.

Depois disso, ela passou por setores como almoxarifado, guarda-roupas, lactário do hospital, entre outros. No entanto, a dificuldade maior era em casa, já que não tinha com quem deixar os filhos pequenos.

– Eram crianças e ficavam em casa sozinhas. No intervalo do almoço, eu ia correndo dar comida para eles. Muitas vezes, eu não consegui almoçar, e comia alguma coisa escondida no horário de trabalho. Também tive de ir a pé porque não tinha dinheiro nem para a passagem do ônibus

– conta dona Cleci.

Com a transferência do Hospital Universitário para o campus de Camobi, ela pediu para que fosse realocada lá, já que morava naquele bairro. No entanto, voltou a atuar como servente.

– As coisas melhoraram quando o filho mais velho fez 14 anos e começou a trabalhar. Não sei como, aos trancos e barrancos, consegui pagar estudo e encaminhar todos os meus filhos. Eu era mãe e pai deles – relembra a aposentada, que teve uma filha falecida.

Ao longo dos anos, Cleci passou ainda por outros setores e encerrou a sua carreira como auxiliar de laboratório em 1995.

Para a aposentada, o maior orgulho está na sala de casa. São os porta-retratos com as fotos dos filhos e netos, todos formados graças ao seu trabalho e persistência.

– Dou graças a Deus que hoje meus filhos estão bem, têm suas famílias. Tenho muita gratidão a todos que sempre me ajudaram. Meus colegas de trabalho, amigos e também alunos que passaram pela UFSM. Conheci muita gente. Fui homenageada cinco vezes por turmas de diferentes cursos. Sou muito feliz por tudo isso – afirma.

Para ela, persistência e esforço são palavras que sempre serviram de motivação para conquistar o seu espaço, e é isso que ele sugere para todas as mulheres que buscam realizar seus sonhos.

– As dificuldades sempre vão existir, mas não se pode desistir. É preciso perseverança, coragem e colocar o pé no mundo para fazer a vida. Não se pode esperar por ninguém. Todos temos de batalhar – recomenda dona Cleci.



Para a aposentada Cleci, persistência e esforço são palavras que sempre serviram de motivação

Ela teve uma infância de superação numa família de 18 irmãos. Passou por dificuldades, mas não desistiu dos seus sonhos. Foi através dos desafios que encontrou a força para uma carreira de sucesso e que serve de inspiração para muitas mulheres. Ela é Regina Costenaro, servidora pública aposentada, professora do curso de Enfermagem da UFN, casada, mãe e avó, não tem problemas em relembrar o seu passado.

– Sou de uma família de 18 irmãos, nove mulheres e nove homens, todos do mesmo pai e da mesma mãe. Passamos por muitas dificuldades, mas meus pais, que eram agricultores, faziam de tudo para a gente ter alimento. Os irmãos mais velhos, conforme cresciam, iam ajudando a criar os mais novos e também nos custos da casa – lembra ela.

Além disso, outras recordações são de quando era apontada pelos colegas pelas atividades que precisava realizar para ajudar a família.

– Tenho lembranças tristes, que são feridas, mas que estão bem resolvidas. Me lembro que sofri muito bullying. Quando entrei



Regina Costenaro teve infância humilde

## Uma vida de muitas dificuldades e superação

na escola, por volta dos 7 anos de idade, eu vendia leite de carrocinha na rua, daí meu apelido era “vaca leiteira”. Eu também vendia laranja na rua, e me chamavam de “véia do balaió”. Meu pai tinha amizade com o dono de um mercado de Santa Maria, e conseguia o pão dormido para nos dar. E eu ia cedo lá buscar o pão que era do dia anterior, e quando me viam com aquele saco grande de pães, me chamavam de “véia do saco”. Foi bastante humilhante, mas aquilo nunca me fez desistir de nada. Eu era uma criança e hoje penso como a nossa mãe teve sabedoria em nos conduzir com tudo que a gente sofreu. Ela foi uma doutora da escola da vida, embora mal soubesse ler e escrever – conta Regina.

A professora universitária, que também trabalhou por anos no Hospital Universitário de Santa Maria (Husm) descobriu o gosto pela enfermagem muito cedo, quando tinha 15 anos.

– Assisti a uma palestra (como uma Feira das Profissões) e uma enfermeira falou sobre o curso Técnico em Enfermagem da Facem. Fiquei encantada e fui para casa pensando: “é isso que eu quero”. Mas, como meus pais não tinham condições de pagar, foram minhas irmãs que me ajudaram a fazer o curso. As disciplinas do curso técnico eram feitas junto do Ensino Médio, na época, o segundo grau – explana.

### INÍCIO DA CARREIRA

Após finalizar o curso, aos 18 anos, teve o primeiro emprego no Hospital de Caridade. Ingressou na faculdade de Enfermagem e, após formada, passou no concurso para atuar no HUSM. Em seguida, foi chamada para lecionar no curso de Enfermagem da UFN. Por anos, conciliou os dois empregos.

– O que me fez estudar sempre foi a motivação de não querer que os meus filhos passassem pelo o que eu passei. Sou casada e tenho três filhos. Meu marido e eu nunca demos nada de mão beijada. Sempre falo, principalmente aos meus alunos: ‘vai haver dificuldades? vai, mas acredito muito que o fardo nunca vem mais pesado do que a gente pode carregar’. Fiz a minha faculdade com uma única calça jeans, e se tivesse que

fazer tudo de novo, eu faria – afirma ela.

Contribuir com a formação de adolescentes além das salas da universidade também é uma das atividades da professora Regina Costenaro. Ela atua em escolas da cidade em uma iniciativa junto aos alunos sobre sexualidade, a importância da prevenção da gravidez na adolescência, a independência feminina, entre outros assuntos.

– Tratar temas como esses em regiões onde as pessoas têm mais necessidades faz uma diferença enorme na vida delas. Quando vou nas escolas, me identifico muito com as meninas quando vejo a humildade delas. Sempre penso: eu vivi isso, sei o que é isso, passar por essas dificuldades.

Vejo que o meu papel é ajudar esses adolescentes a se imaginarem onde querem estar daqui a três anos, daqui a cinco anos. Eles gostam de mim porque falo sem rodeios e muitos vem pedir ajuda. Temos uma rede de apoio para atendimento, inclusive com orientação psicológica – revela Regina.

Por fim, a dica que ela dá para outras pessoas, principalmente mulheres, que buscam a realização pessoal e profissional na busca pelos objetivos é a seguinte:

– A gente precisa ter foco naquilo que a gente quer e correr atrás dos nossos sonhos – finaliza a professora Regina.

# Uma carreira focada na pesquisa e de prêmios

Quem conhece um pouco da trajetória da professora universitária Cristina Wayne Nogueira sabe do seu empenho à frente de projetos de pesquisas muito importantes para a comunidade em que colocam o nome da Universidade Federal de Santa Maria em destaque nacional e internacional. Ela é formada em Farmácia e Bioquímica, mestre em Ciência e Tecnologia dos Alimentos e doutora na área de Bioquímica. Nascida em Santa Maria e filha de professores universitários, o ingresso na UFSM fazia parte do seu imaginário desde a infância. Instituição esta onde concluiu a graduação e o mestrado. O doutorado foi na UFRGS. Foi na graduação em que teve os primeiros contatos com a área onde é sua atuação como pesquisadora.

– A bioquímica é uma ciência fascinante que explica os fenômenos sob a ótica da química e da biologia. Iniciei os trabalhos nesta área desde o mestrado, mas me especializei quando optei por fazer o doutorado no PPG Bioquímica na UFRGS.

Minha área de atuação é a Bioquímica Toxicológica focando na toxicidade e farmacologia de organocalcogênios. Esta linha de pesquisa envolve o estudo toxicológico e o potencial farmacológico de moléculas inéditas que contenham os átomos de selênio ou telúrio. Para tanto, trabalho com modelos experimentais mimetizando doenças que acometem a população e avaliando a ação destas novas moléculas nestes modelos – explica.

Os resultados dos trabalhos realizados pela professora foi a conquista de alguns prêmios que reconhecem a trajetória de pesquisadores tanto no cenário nacional quanto internacional. Para Cristina, a importância destes prêmios está não somente no reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa, mas, também, na divulgação do nome da instituição santa-mariense no estado e no país (veja no quadro ao lado).

– Destacaria também que, a cada premiação, todo o grupo de pesquisa é reconhecido. Ninguém faz ciência sozinho, o grupo de pesquisa coordenado por mim tem sido formado por inúmeros alunos de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado – considera.

Além disso, Cristina ressalta que outra questão relevante é que estas distinções



A professora da UFSM, Cristina Nogueira, exibe com orgulho alguns dos troféus recebidos

## PREMIAÇÕES CONQUISTADAS

- Prêmio Scopus Brasil 2010;
- Medalha do Cinquentenário da UFSM 2010;
- Prêmio Pesquisador Gaúcho Destaque em Ciências Biológicas 2017;
- Prêmio Pesquisador Destaque UFSM 2017;
- Em 2020, foi apontada pela plataforma Open Box da Ciência ([www.openciencia.com.br](http://www.openciencia.com.br)) entre as 50 pesquisadoras protagonistas da Ciência no Brasil;
- Ainda em 2020, constou no ranking dos 600 pesquisadores brasileiros mais influentes no mundo (*Journal Plos Biology*).

chamam a atenção para a trajetória científica de uma mulher, destacando, portanto, a questão de gênero. Dado que as mulheres são menos contempladas com prêmios e distinções.

– Trago aqui um exemplo bem recente, de outubro de 2020, ao analisar o ranking da *Plos One*, que destaca os 600 pesquisadores brasileiros mais influentes no mundo. O percentual de mulheres é de em torno de 10%. Portanto, é fato que, apesar dos avanços femininos na carreira científica, o reconhecimento do mérito

acadêmico das cientistas ainda é insignificante – avalia a professora.

## MULHERES NA ÁREA

Para a pesquisadora Cristina, não restam dúvidas de que a educação e a ciência são instrumentos transformadores da sociedade. Apesar de que, além da questão de gênero, os cortes em pesquisa nos últimos anos são sem precedentes e não dão sinal de melhorias, pelo menos não ao curto prazo. Os cortes nas verbas públicas destinadas à área de ciência, tecnologia e inovação prejudicaram não só o presente,

mas o futuro do país.

– Quando avalio a questão da desigualdade gênero, considero que as coisas estão mudando, mesmo que lentamente, e fico muito feliz todas as vezes que sou convidada para tratar desta temática, fato que não acontecia há alguns poucos anos atrás. Isto é, esta pauta tem ganhado espaço e, portanto, ao tratarmos deste assunto admitimos a existência, mesmo que velada e sutil, da desigualdade de gênero na academia – revela a professora.

## DISPARIDADE

Segundo ela, embora em termos de carreira universitária não haja privilégios aos colegas homens em detrimento das mulheres, o percentual de mulheres no topo da carreira científica (de pesquisadora), em cargos administrativos, em representatividades, premiações e/ou distinções é praticamente insignificante.

– Sabe-se que apenas 10% dos integrantes da Academia Brasileira de Ciências são mulheres e que o universo de mulheres bolsistas de produtividade, nos extratos correspondentes ao topo da carreira científica, é de apenas 20%, conforme dados do CNPq 2015. Atualmente, as pesquisadoras, diferente da minha geração, são contempladas com políticas que visam minimizar a desigualdade de gênero, tais como, a licença maternidade para as bolsistas de pós-graduação, desconsiderar nos processos de avaliação o período em que as mulheres estão em licença gestante (no qual a produção científica é reduzida). Além disso, há diversos movimentos no sentido de aumentar a representatividade de mulheres em cargos diretivos, comitês científicos, associações de classe, fundações, entre outras – esclarece.

Para as mulheres que ainda estão iniciando ou desejam iniciar a trajetória profissional, a professora e pesquisadora sugere que façam a escolha profissional norteada pelo que realmente gostam, que sejam identificadas com essa escolha.

– Não existe caminho difícil quando a gente faz o que realmente gosta. A minha mensagem é que não tenham limites, que sejam o que realmente desejam ser. Que ao ingressar na carreira profissional, dediquem-se de corpo e alma para aquilo que escolheram e que trabalhem com ética, moral e muita perseverança – indica a professora Cristina.



**Conteg**

CORRETORA DE SEGUROS

FAÇA SUA COTAÇÃO

Nosso Whats App (55) 3222-8844  
(55) 9.9115-6727



- > AUTOMÓVEL
- > RESIDENCIAL
- > EMPRESARIAL
- > VIDA
- > PREVIDÊNCIA
- > CONSÓRCIO
- > AGRÍCOLA
- > TRANSPORTE
- > IMOBILIÁRIO
- > FINANCIAMENTO
- > VIAGEM
- > ESCOLA

Av. Fernando Ferrari, 2150  
[www.contegseguros.com.br](http://www.contegseguros.com.br)

Segurança, o melhor mesmo é poder sentir.

# Uma luta pelo fim da violência contra a mulher

Enfrentar a violência contra as mulheres, em Santa Maria, está na rotina da enfermeira Laura Cortez há pelo menos 10 anos, desde o final da sua graduação em enfermagem, juntamente com a professora Maria Celeste Landerdahl. Ela conta que o interesse pelo tema surgiu a partir das atividades práticas no Curso de Enfermagem da UFSM, junto às mulheres que, muitas vezes, relatavam viver situações violentas ou de desigualdade de gênero.

Desde então, Laura levanta bandeiras que têm como tema principal a valorização feminina. Segundo ela, são realizadas anualmente em Santa Maria atividades relacionadas aos 16 dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra a Mulher, desde 2010. São ações educativas, de diálogo com as comunidades, nas escolas, nas mídias locais; blitz; marchas e atos na rua; atividades de articulação na luta por políticas públicas para as mulheres.

– Atualmente, estamos trabalhando permanentemente num espaço de articulação dos serviços que atendem mulheres em situação de violência que é o Fórum de Enfrentamento à Violência contra às Mulheres. Este é um projeto de extensão do Colégio Politécnico da UFSM cujo objetivo é integrar os profissionais dos serviços, com vistas a construir um trabalho articulado e em rede para qualificar a assistência das mulheres – revela a enfermeira.

Conforme Laura, as reuniões são mensais e contam com a participação de profissionais das áreas da saúde, segurança pública, justiça e assistência social, docentes da UFSM, da FADISMA, acadêmi-

cas e pós-graduandas da UFSM e movimentos femininos.

A partir do Fórum, ela explica que foi criada a campanha Vidas de Mulheres Importam - Santa Maria 50-50.

– É uma campanha por igualdade de gênero, coordenada pela professora Maria Celeste Landerdahl, e que visa desenvolver nesse sentido, estimulando a mudança da cultura machista e patriarcal aqui na cidade. A iniciativa foi prevista com ações em sua maioria presenciais ao longo de 2020, no entanto, em função da pandemia, algumas ações foram adaptadas para serem realizadas pelas redes sociais (publicações diárias, vídeos, posts, lives, etc.). Algumas foram realizadas antes da pandemia, em 2020, como palestras na Base Aérea; parcerias com o Exército, empresas, jornais, rádios, sindicatos e também articulação com parlamentares na busca por apoio à campanha e pela criação de políticas de igualdade de gênero para Santa Maria – conta a profissional da saúde.

## OUTRAS AÇÕES

Além da campanha, Laura integra o projeto “Tecendo Redes no Enfrentamento à Violência contra as Mulheres”.

– Realizamos, em 2020, o “Curso de Extensão Segura: Segurança Pública com Elas”, destinado a policiais civis, guarda municipal e policiais militares. A capacitação foi toda online no segundo semestre de 2020 e o objetivo foi qualificar profissionais de segurança no para o atendimento às mulheres. Também no

ano passado foi criado o projeto do “Disque Covid - UFSM Acolhe Mulheres” que foi um serviço emergencial criado no ápice do distanciamento social para realizar teleatendimento às mulheres em situação de violência – complementa ela.

## IGUALDADE EM TODO LUGAR

Para a ativista, a luta pela igualdade precisa ser em todas as esferas, considerando micro e macro espaços.

– É preciso refletir e identificar essas questões nos micro espaços, como em família, no trabalho, com amigos, e nos demais ambientes ocupados diariamente, onde não podemos naturalizar linguagem, situações e comportamento machista, sexista, que coloca a mulher no ambiente doméstico. A luta nos macro espaços, junto com outras mulheres, também muito importante. Precisamos ser ouvidas, expressar nossas necessidades, nos ambientes de política, conselhos, comissões e demais meios compostos por diversos representantes da nossa sociedade – destaca Laura.

Para ela, é importante que as mulheres que tenham interesse nos seus direitos e igualdade se insiram em ONG's, movimentos feministas ou até mesmo acompanhem os vários perfis das redes sociais que precisam de apoio.

Para a enfermeira, as mulheres são alvo de preconceito constantemente, sendo a própria violência física e psicológica, por causa do machismo, patriarcado e dominação masculina na sociedade.

– Gênero é uma construção social, que vai gerar desigualdades e opressão, quando determina regras e padrões. Isso impacta na submissão das relações, onde



FOTOS DIVULGAÇÃO

Laura atua no combate à desigualdade

a mulher é incentivada desde pequena a pensar que precisa sonhar com o príncipe encantado. É esse tipo de papel que determina esse preconceito.

É fundamental denunciar qualquer tipo de violência contra a mulher, e também precisamos avançar muito políticas públicas de amparo as vítimas, com serviço de saúde mental, garantia de renda, acesso a casas de passagem, etc. Ou seja, uma rede que seja eficaz indo muito além da denúncia, assim como possa ajudar também os agressores – avalia.

# Trajetória pelo desenvolvimento da educação



Martha é uma das fundadoras do LARP

Dentre os nomes de mulheres que se destacam pela atuação e contribuição pelo desenvolvimento da educação dentro da UFSM e, conseqüentemente, para a comunidade como um todo, figura o da professora Martha Adaime. Formada em Química Industrial no começo da década de 80, foi durante um estágio na Petrobrás, no Rio de Janeiro, que percebeu que não tinha perfil para atuar na indústria. Focou então na sua pós-graduação, ocorrida em 1984 na Unicamp, de São Paulo. O trabalho de mestrado em Química Analítica logo transformou-se em uma tese de doutorado, defendido em 1989. E foi durante esse período que prestou concurso público para Química Analítica da UFSM, sendo aprovada e assumindo, portanto, no mesmo ano, como docente do Departamento de Química da instituição. Além da orientação aos alunos, a professora teve importante papel na criação do LARP.

– Durante a década de 90, desenvolvi alguns trabalhos de pesquisa orientando alunos de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Química (PPGQ). No início dos anos 2000, em parceria com o colega Renato Zanella, fundamos o Laboratório de Análises de Resíduos de Pesti-

cidas (LARP) que, com o sistema de qualidade implantado, atende a comunidade, através da prestação de serviços na área, bem como desenvolve recursos humanos (alunos de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado) na área de análise de resíduos e contaminantes até hoje. Contamos com a parceria do colega Osmar Damian Prestes que veio a reforçar o time e apoiar todo o trabalho desenvolvido no LARP – revela a professora.

## GESTÃO ACADÊMICA

Paralelamente a orientação de alunos do PPGQ, Martha também atuou no “Programa de Pós-Graduação em Ciências: Química da Vida e Saúde”, mestrado e doutorado, integrou a direção do Centro de Ciências Naturais e Exatas (CCNE) como vice-diretora, além de, em 2009, junto do professor Paulo Afonso Burmann, ter disponibilizado seu nome à disposição para a reitoria da UFSM, certos de que tinham boas propostas para a transformação da instituição.

Esteve à frente da Pró-Reitoria de Planejamento (Proplan) e da Pró-Reitoria de Graduação. Atualmente, a convite do reitor Paulo Burmann, atua na chefia de

gabinete, o que considera mais um desafio de gestão na sua carreira acadêmica.

– Posso dizer que nunca escolhi nenhum dos cargos que ocupei. Sempre atendi a chamados tendo coragem para enfrentar novos desafios e isso faz com que me sinta sempre renovada e útil para a instituição que trabalho há 32 anos com muito amor – afirma a professora.

## ATUAÇÃO DA MULHER

Martha Adaime tem uma carreira que se destaca pelo empenho e comprometimento e que não teve empecilhos pelo fato de ser mulher, onde considera que cada conquista é resultado de dedicação em cada posto ocupado.

– Na minha opinião, a resistência sofrida pelas mulheres é muito em função de licenças de gestação. Entretanto, quando as principais atividades da mulher, fora do trabalho, são compartilhadas, tudo fica mais fácil e assumir cargos de gestão podem ocorrer naturalmente.

Talvez, o preconceito apontado por algumas mulheres aconteça no setor privado. Na carreira acadêmica, acho que depende basicamente de dedicação – finaliza a professora.